

Fundação da APM em 1930 e Patronos da Medicina em São Paulo

Duílio Crispim Farina

As 29 de novembro de 1930, às 21 horas, reuniam-se 104 esculápios no Anfiteatro da Faculdade de Medicina, no velho casarão da rua Brigadeiro Tobias nº 42. Era a sessão inaugural da Associação Paulista de Medicina cujos trabalhos, a convite de José Barbosa Corrêa, foram presididos pelo prof. Domingos Rubião Alves Meira, com a secretaria de Alberto Nupieri.

A ecoarem de um tempo d'antanho surgem as vozes, as emulações, o pensar e o entusiasmo de uma grei. Saem vultos das brumas do passado com seus nítidos perfis, os murmúrios, apartes, proposições dos valores destacados de um instante de sonho e labor. Medicina, Espírito Santo, Belfort de Mattos, Nestor Reis, Souza Cunha, Ferraz Alvim, Leão Bruno, Genésio Silva, Ernesto Moreira, Mesquita Sampaio, Parisi, Ferrão, Pirajá, Paiva Ramos, José de Almeida Camargo, Figliolini, Branco Ribeiro, Oscar Monteiro de Barros, Potiguar Medeiros, e outros, muitos outros, a renascerem todos para o ingressar nas páginas da história da medicina de nossa terra, meio século decorrido, meio centênio de expressivas realizações.

Na reunião, marco primeiro de nossa entidade, logo vence o desígnio de Ferraz Alvim e o cenáculo médico denominar-se-á Associação Paulista de Medicina. E entre variadas sugestões e alvites, é aprovada aquela que traz o endosso de Barbosa Corrêa, Nupieri e Nestor Reis: a promoção de concursos, premiação de monografias, teses, trabalhos de monta e pertinente contribuição à evolução científica de uma classe.

Em 1935 pela vez primeira a Associação Paulista de Medicina ins-

titui o prêmio Antônio Cândido Camargo, cuja láurea é atribuída à Mário Otobri Costa; 1937 assiste o despertar do prêmio Diogo de Faria com os louros a Jairo Ramos, José Ramos Jr., Bernardino Tranches, Mário Lotufo e Inácio Alves Correia. No mesmo ano, Gomes de Mattos vence prêmio "Margarido Filho", e Enjolras Vampré o prêmio "Honório Líbero".

E assim na sucessão dos dias, anos, lustros, novas premiações registram para todo o sempre os nomes mais insígnies da cultura e da ciência no Panteão da medicina Paulopolitana.

Nesta noite altamente marcante é mister que exaltemos, em escorço não basto, mas de justo rememoremos, a pléiade de excelsos vultos, patronos dos prêmios distribuídos pela colenda APM que converteram-se nos arautos de nossa cultura humanística, defensores de nossas tradições científicas mais caras, expressivos valores mentais de uma intelectualidade sem limites.

Em São Paulo, na medicina, tudo começou com Anchieta e veio a terminar num apostolado não menos grandioso com Arnaldo Vieira de Carvalho, príncipe da cirurgia, consolidador da Misericórdia, primeiro lente de ginecologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, Templo de Ensino, Catedral de Ciência, em memória do fundador chamada Casa de Arnaldo. Condestável da Medicina Paulista, astro mais brilhante da cirurgia de todos os tempos em chãos de Piratininga, em tudo foi o primeiro, no Instituto Vacinogênico, na Santa Casa, na Sociedade de Medicina, na cátedra, na dedicação ao enfermo, na organização e direção de hospitais de emergên-

cia, na pandemia da gripe em 1918, terrível calamidade, assoladora de nossas populações.

Como nas estrofas de "Mensagem", de Fernando Pessoa, sua pas-



Rubião Alves Meira,
1º presidente da APM

sagem terrena obedeceu aos desígnios Supremos do Altíssimo: "todo começo é involuntário. Deus quer, o homem sonha e a obra nasce. Deus é o agente e o homem a si assiste, vário e inconsciente". Ergue-se a espada e tudo acontece.

O perpassar de Arnaldo, com o bisturi e a lanceta, aprofundou raízes e no milagre da multiplicação obrou-se e assentou-se para os próximos centênios, em seguimentos ao Patriarca e ao Lidador.

Luís Felipe Baeta Neves expressa um dos mais fúlgidos talentos da arte cirúrgica nos primeiros decênios deste século. Pertencia à roda de Arnaldo, na Misericórdia que tinha como membros José Ayres Netto, Oliveira Fausto, Alves Lima, Diogo de Faria, Artur Mendonça, Amarante Cruz, Antônio Cândido de Camargo e João Egídio de Carvalho. Formavam

um círculo matutino na velha Santa Casa, agora em chão da antiga Chácara do Arouche, em terrenos doados, por Paes de Barros e Rego Freitas. Esplendiam em tertúlias sérias ou em gládios hilariantes. Com Camargo, fundou Baeta Neves em 1913, o Instituto Paulista, hospital-escola de um longo período da assistência esculapina.

Todos costumavam degladiar-se em canhoneios pilhéricos, em boa prosa, suscitando encanto e inebriamente entre os ouvintes. Eram certames de graça e espírito onde o floreio de chistes ultrapassava o duelo de motes e ditos jocosos.

Luís Felipe Baeta Neves, adentrou os anais da História como perfeito cavalheiro, de gestos largos, ademanos de fidalguia, lhaneza, e um certo perdularismo, um pouco à moda de Eduardo VII, representante de uma elite sepultada para sempre com os obuses da primeira conflagração mundial.

Antônio Cândido Camargo, iniciou-se em Limeira e tal o renome grangeado que, logo nesta Capital, a convite de Arnaldo, será lente de cirurgia da iniciante escola de medicina, ao lado dos eméritos João Alves Lima e Afonso Regulo de Oliveira Fausto, em antecipações vitoriosas de Montenegro, Alípio e Edmundo Vasconcelos. Homem cordial, pleno de bonomia com facetas da boêmia dos grãosenhores, símbolo da "jeunesse", mocidade dourada. Presidente de nossa Associação em 1934-35, alma pura, pensar cristalino, sempre a unir, congregar, amalgamar para o porvir. Hilário Tácito, pseudônimo de Toledo Malta, o grande tradutor de Montaigne, fixou-o no livro "Madame Pomery", ao lado de Washington Luís, em retratos da Paulicéia, nos seus últimos instantes da "Belle Époque", cidade ainda não de todo desvaída.

continua...

Leia:

Homenagem a Duílio Farina

Guido Arturo Palomba
Página 3

Dia do anesthesiologista

Guido Arturo Palomba
Página 3

Aquele Menino

Paulo Bomfim
Página 4

Cascalho

Alberto Adde
Página 4

A ameixeira e os pardais

Paulo Fraletti
Página 4

Fundação da APM em 1930 e... (continuação da capa)

... Mário Ottoni de Rezende. De velhos troncos da Vila do Príncipe, no Sero Frio, nas Minas. Remontava a Manuel Vieira Ottoni, lá chegado de São Paulo colonial, e do avoengo Emanuel Antão Ottoni, Genovês que exilara-se em Lisboa por volta de 1727 por motivos de agitação política. Cepa ilustre que nos deu o grande liberal Teófilo e Cristiano, construtor de ferrovias imperiais. Suas raízes as mais destacadas. Os ancestrais, inclitos varões. A família tivera no medievo a senhoria de Matellica na Umbria e no século X Otton I (em italiano Ottone), dito "o grande", rei da Alemanha e da Itália, fundador do Sacro Império romano-germânico, desceu à Península para lutar contra Berengário e chamou em seu auxílio os gentis-homens Ludovico e Pietro della Ponte. Tendo combatido valorosamente por Ottone, ambos dele receberam em doação a terra de Matellica para que a reedificassem

Oscar Barreto era incansável no estudo e nas observações clínicas

e restaurassem. Do mesmo passo que lhes dava este domínio, o Imperador os adotava na própria família, concedendo-lhe o direito de usar o seu nome e fazendo-os príncipes perpétuos do reino. A somar virtudes itálicas, bandeirantes e dos filhos das alterosas, pertinácia, labor, destemor equilíbrio emocional, Mário Ottoni de Rezende, com Lindenberg, Paula Santos e Rafael da Nova, deixou na otorrinolaringologia pátria o recender de seu talento e os olores de sua personalidade aristocrática.

Nicolau Maria Rossetti. Fundador da Escola Paulista de Medicina, Catedrático de Clínica Dermatológica e Sifilográfica, a ela integrou-se, todo o tempo em que durou sua vida, em dedicações nunca interrompidas. Conhecedor profundo da patologia humana, estudioso pertinaz acompanhava o evoluir da literatura, de forma permanente, a dominar seis línguas, fichando, grifando, anotando, ensinando, querendo pela mocidade ávida de receber os tesouros de sua sabença que tão magistralmente transmitia.

Filho de Mococa, a cursar a Real universidade de Nápoles e as escolas de Paris, Viena e Berlim, por justa méritos Rossetti inscreveu-se como vértice altíssimo da disciplina que honrou e engrandeceu.

Oscar Figueiredo Barreto. Meão, mais que baixo. Grosso de talhe, não

delgado. Calmo, de poucas palavras. Pálido, de uma palidês intensa quase cêrea, Barreto era metódico, laborioso, incansável no estudo e nas observações clínicas. De pouco sorrir, aparentemente triste, muito triste, trazia no facies as impregnações do sentir de quão fugazes as glórias e os prazeres temporais. Fugaz a vida, sempiterna a ciência e o dever bem cumprido. Em rápida e meteórica passagem pelos nosocômios de elite de nossa Paulicéia deixou as marcas de sua elevada capacidade, persistência, em proselitismos de eleição, criando modismos definitivos para a implantação da Anestesiologia, em bases científicas, em nosso meio. Na década dos anos cinquenta, quando o conhecemos e assistimos suas passadas nos

Jardins de Esculápio, no velho Instituto Paulista, em período de alta medicina, Oscar Figueiredo Barreto alicerçou com Takaoka, Caputo, Carlos Magalhães, Mondadori Mariano da Costa e outros mais, fase nova em moldes definitivos da Anestesia e da Farmacologia atinentes.

Honório Libero. Junto às Arcadas Franciscanas no século passado por aqui passou até tornar vítima de sicários impiedosos João Batista Libero Badaró, que deixou num empós os sonhos de liberalismo e de confraria universitária que alumiarão altos momentos da vida política, social e cultural de nossa gene, e de tal modo influíu em seus dias que mais de uma família adotou o nome de Badaró e o de Libero em sobrenomes significativos de um pensamento libertário.

Uma delas em eclosões de valor deu-nos o jornalista Casper e os médicos José e Nelson Libero, em capítulos expressivos da evolução de nossos fastos.

A homenagear o numen tutelador, esteio familiar, reverenciaram, e também o fazemos, a Honório Libero como padrão e paradigma de excelências virtudes, semeador, lavrador, edificador perene. Honório clinicou em Itatiba, ao lado de Gabriel Piza que morreu como embaixador do Brasil na França. Rubião Meira recordou que ali exerceu durante muito tempo a sua profissão, em lombos de burro, digno médico da roça, com vasta clientela. Avançado em idade, na então Polícia de São Paulo, como médico legista deu mostras de cora-

gem e dedicação na diuturna lida, mantendo "seu nome sempre puro naquela atmosfera pesada que é a que envolve as perícias médicas legais". (R. Meira), até ser substituído pelo filho José Libero em mesma trajetória de dignidade.

Nicolau de Moraes Barros. De histórica grei Piracicabana. Sucessor de Arnaldo na cadeira de Ginecologia na então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, após brilhante concurso em provimento memorável. Embestado de ciência germânica, mas pleno também de humanismo gaulês, era forte espírito talhado para a organização e para o comando, homem de iniciativas e de realizações, especialista de largos recursos, cirurgião exímio. De maneira significativa iniciou exemplar escola. "Fiel às doutrinas da Escola alemã, implantou em nosso meio a conduta abstencionista, antimutiladora, de respeito ao órgão, por amor à função".

Varão de plutarco, sua figura ímpar, ao lado de Raul Briquet, deu à tocoginecologia elevada estatura difícil de ser alcançada e impossível de ultrapassagem.

Clemente Ferreira, físico-mor da Tisiologia, pai da Liga Paulista Contra a Tuberculose, nascida aos 17 de julho de 1899, senhor de vocação irresistível, desde o longínquo ano de 1880, ao defender tese na Escola da Antiga Côte, dissertação apresentada para a conceituação da "Phthisica Pulmonar". Vida dinga de ser vivida, contemporâneo de Koch, como este, viveu problemas na época que antecedeu a descoberta do bacilo. Exponente da especialidade a ele acorria o intercâmbio científico internacional. Imprime ao Dispensário de sua Liga o mesmo sentido que havia inspirado Cal-

Camargo, culto, dinâmico, participava de todas conquistas médicas

mette, em Lille, em incrementos de uma operosidade sem lindes e dimensões. Introduziu a prática da vacinação do BCG e fez construir um prédio para a sua produção. Foi o antigo Pavilhão "Arlindo de Assis", hoje infelizmente extinto. Nos idos de 30 montava um Serviço de Cirurgia Pulmonar com todos os requisitos indispensáveis, anexo, em construção especial e eletiva, ao Dispensário "Clemente Ferreira". No ocaso da existência consegue ver realizado o sonho que sempre alentou, o da instalação de hospital especializado. Bem lembrou

Diogenes Certain: ao nos deixar para sempre em 1947, a 06 de agosto, fechava os olhos o grande batalhador e ainda nesse dia saía publicado em um matutino o trabalho que escrevera na véspera. Vibrava na exaltação a novo remédio, a estreptomocina, encarecia a sua eficiência e aludia às possibilidades de sua difusão universal com custos acessíveis. "Com a cintilação que nunca esmaeceu", para o bem do semelhante, encostava a clava do lidador intemorato, simples, verdadeiro franciscano da saúde, nazareno da bem amada Tisiologia.

Por último duas palavras de evocação e respeito ao sempre lembrado José de Almeida Camargo, patrono do prêmio cultural. Impregnado das virtudes dos filhos das primeiras turmas da Faculdade de São Paulo, presidente do C. A. Osvaldo Cruz em 1926, fundador da Associação Paulista de Medicina, seu vice-presidente em 1935 e presidente do Departamento de Cultura Geral, criado em 1936, no ano seguinte em seguimento do inolvidável e gigantesco Raul Carlos Briquet. Filho do não menos preclaro Laudo de Camargo, orgulho de nossa história política e jurídica, e primo de nosso atual presidente Aloysio G. Ferreira de Camargo, José de Almeida Camargo ao desaparecer, em curta existência, deixava obra meritória e sem igual. Nesse curto período de vida terminava um grande ciclo de operosidade que daria para encher existência aproveitada e finada em extrema velhice. Discurso de sua lavra pronunciado na Assem-

bléia Nacional Constituinte em 05 de março de 1934, ao estudar a "Função da Universidade no Brasil", seria o suficiente para incorporá-lo a eruditos espíritos, com peroração exemplar, simile àquelas de Ribeiro Sanches, no século XVIII, a orientar, em conselhos, ao Marquês de Pombal, na reestruturação da Universidade Conimbricense; com a Reforma Pombalina.

Culto, dinâmico, inquieto, participante de todos os movimentos e conquistas da classe médica, em seus dias, fixou-se como o patrono da cultura de nossa corporação.

Ao retornar da frente de luta em 1932, ergueu sua voz altaneira e patriótica, módulo das eleições de sua geração: "vós que voltastes da luz crua das enfermarias e da terra lama-

centa das trincheiras sabereis defender a todo transe o sentido bandeirante da história paulista que é o nosso patrimônio plurisecular". Esse, senhores é pois o seu máximo legado, farol ainda a alumiar as sendas dos dias que hão de vir.

No cinquentenário da vida da APM, na sucessão de prebendas, guirlandas e luzeiros tem-se inscrito o nome das figuras mais altissonantes da Arte e Ciência de Pará, de Miguel Couto, de Celestino Bourroul e de Aluisio de Castro, que receberam os prêmios por trabalhos e ensaios meritórios.

Em 1937, um ano apenas antes de sua morte, Enjolras Vampré, chefe e criador da Neurologia bandeirante, presidente da APM em 1936, nos fastígios de sua carreira gloriosa, no auge de seu prestígio, mal refeito das fadigas do concurso, volta-se de novo para os seus trabalhos de pesquisa, aprofundando o estudo de um dos seus temas prediletos - A fisiopatologia do bulbo. Reúne observações, coleciona bibliografias, elabora gráficos, escreve volumoso trabalho e com ele conquista o prêmio "Honório Libero" de 1937.

Exemplo marcante do que vêm fazendo, como vós, ilustres agraciados, no carroussel do tempo, doutos médicos e mestres, sempre com o fito de expressar o alto nível da medicina em nossa terra brasileira.

Ao saudar-vos, senhores premiados nos anos 77, 78 e 79, em verdade exaltamos as eternas virtudes que vêm acrisolando os esculápios nestes cinquenta anos de primorosas labutas. Ao enunciar vossos nomes, todos já inscritos nas mais caras tradições do exercício médico e nos fastos da Associação Paulista de Medicina, temos de enfatizar que vos distinguistes mais uma vez, ingressando no Mural das mais insígnias figuras da crônica exemplar escrita pelos que se nos antecederam.

Que continueis todos, como nos desígnios de José de Almeida Camargo, fiéis à casa paulista que tem sido nosso patrimônio secular! Non Ducor Duco! Pola ley e pola grey, brazão, distico, mote, cancioneiro da civilização da terra de Anchieta e do inolvidável Arnaldo Vieira de Carvalho!

Com vossos nomes rememorem-se com unção todos aqueles que já foram premiados, galardoados com os máximos ouropéis da APM!

Duilio Crispim Farina, titular da cadeira 40 da Academia Paulista de letras

dia dos médicos

HOMENAGEM A DUÍLIO CRISPIM FARINA

Guido Arturo Palomba

Excelentíssimo Doutor Duílio Crispim Farina. Na qualidade de Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina coube-nos a honra de saudar Vossa Excelência neste dia de São Lucas, dia do Médico, 18 de outubro, o último deste século. Quando iniciamos as reflexões sobre as homenagens a serem prestadas, sentimos, a um só tempo, três grandes forças fluírem na mesma direção.

A primeira, Doutor Farina, nascida das tantas e tantas vezes em que Vossa Excelência, neste salão nobre, saudou os seus pares, realizou sessões solenes de homenagem aos mestres da Medicina, vivendo o presente e revivendo a história, em estilo castiço e fluente, hipnótico pela grande capacidade em manejar a arte e as regras do bem dizer.

A segunda força, doutor Farina, proveio da grandeza das ações realizadas pelo Senhor nesta nossa Associação:

O banco de teses médicas, um dos maiores acervos do gênero na América Latina, o Suplemento Cultural, a circular entre todos os médicos paulistas e nas principais agremiações e sodalícios brasileiros, e a fantástica biblioteca.

Ao falar da biblioteca, doutor Farina, voltamos no tempo a recordar Vossas peregrinações por li-



vreiros e alfarrabistas, a garimpar gemas preciosas nas estantes e escaninhos de Folco Masucci, Libano Calil, Lisboa da São Francisco, Olinto de Moura, Brandão, Seu Luiz e na banca de um negro pobre e anônimo que vendia pequenas bibliotecas no Viaduto Dona Paulina, e também recordar Vossas andanças na Shakespeare and Company, na esquina da Rue de La Boucherie, ou noutras ruelas do Quartie Latin, ou na Travessa dos Queimados, na Rua da Misericórdia, na Alameda Garret, charmosos antiquários da boa Lisboa. Graças a esse enorme empenho às coisas da cultura, hoje os médicos podemos nos orgulhar da Biblio-

teca da Associação Paulista de Medicina, que acolhe tomos de Cloud Bernard, Galeno, Pasteur, Montegazza, Benezit, os livros do conde Maфра e os nossos nimbados de larga fama: Osório Traumaturgo Cesar, Afonso Régulo de Oliveira Fausto, Antonio Carlos Pacheco e Silva, Francisco Franco da Rocha, Lycurgo de Castro Santos Filho, e a brasileira e a paulística, prateleiras e estantes repletas de raridades. Foi por isso e muito mais que a Associação Paulista de Medicina, aos 28 de junho de 1984, houve por bem, e a inquestionável direito, na gestão do ínclito professor de medicina e comandante da classe médica, Nelson Guimarães Proença, em sessão solene, dar o nome de Sala Duílio Crispim Farina à nossa Biblioteca, hoje instalada no quinto andar deste edifício.

A terceira e última força que sentimos em sincronicidade ao meditar sobre a data de hoje, nasceu quando estávamos refletindo especificamente sobre Vossa Excelência, na memória atávica, soma e psique, res cogitans e res corporea, heranças, tendências, inconscientes neural e coletivo, e na imortalidade do fidalgo D. Anião Estrada, na coroa do Rei dos visigodos, em Oviedo, em Covadonga, e nos rumos sem desvios à sudoeste da península, até Vila de Goes, da Farinha Podre, de Afonso Farinha, o

primeiro do nome, cavaleiro dos hospitalários, e também de todo o ramo itálico, do Golfo de Paestum, hoje salernitano, da cidade de Baronissi, terras do Marquês Farina, cujo palácio tivemos o privilégio de conhecer.

Outro ramo de vossa augusta grei foi a França, viver sonhos maravilhosos, liberdade, fé, esperança, guiões maiores de seu quinto avô, o general Joseph Farina, o invencível em vida, do exército de Napoleão.

Doutor Duílio Crispim Farina, Vossa Excelência tem nas veias, nos neurônios, em todo o soma, as mesmas estruturas atávicas que um dia sustentaram as vidas de Vossos antepassados, explicando a intensa latinidade, a refletir, pelo lado itálico, o brilho do orador e do tribuno; pelo hispânico, a força visigótica; pelo francês, a férrea disciplina napoleônica, e pelo lusitano, o culto aureolado à última flor do lascio.

E para terminar, doutor Duílio Crispim Farina, Senhoras e Senhores, como é praxe nesta solenidade, é preciso sumarizar alguns dados do curriculum vitae do nosso homenageado.

Formou-se em 47 na Casa de Arnaldo, publicou cerca de quinhentos trabalhos em revistas e jornais especializados, escreveu vinte e um livros, ganhou várias comendas, medalhas e honorarias, entre as quais o Busto de Hipócrates

da Sorbone.

Ocupa a cadeira 40 da Academia Paulista de Letras, a cadeira 11 da Academia Paulista de História, é membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo, é também membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Lusíadas, da Academia Cristã de Letras, da Academia Mineira de Letras, da Academia Paranaense de Letras, da Sociedade Parisiense de História da Medicina.

É colecionador de louça brasonada, medalhística imperial, cristais imperiais, peças napoleônicas, marfins indo-portugueses, cimélicos do passado e livros raros.

Mas, o que o homenageado tem de melhor e que se não pode guardar, pois não precisa, pois é imortal, é a bondade da alma, a retidão do caráter e o amor que traz no coração.

Neste último 18 de outubro do Século XX, tomados pelas três forças que motivaram as nossas palavras, convidamos o Ilustre Presidente, José Luiz Gomes do Amaral, a entregar a Placa de Prata da Associação Paulista de Medicina a Duílio Crispim Farina, em cujo mestre, pela grandeza que representa à Medicina Nacional, homenageamos ao mesmo tempo todos os médicos brasileiros deste século.

Discurso proferido por Guido Arturo Palomba no Dia do Médico, 18 de outubro

16 de outubro, dia do anesthesiologista

Guido Arturo Palomba

Excelentíssimo Senhor Presidente da Associação Paulista de Medicina, José Luiz Gomes do Amaral. Excelentíssimo Senhor Curador do Museu da História da Medicina Jorge Michalany. Excelentíssimo Senhor Doutor Douglas Michalany, Presidente da Academia Paulista de História. Excelentíssimos Senhores Mestres de Anestesiologia José Otávio Costa Euler Júnior, Pedro Gerardo, Pedro Tadeu Galvão, Caio Picheiro, Alberto Caputo, Rafael Augusto Bellini, Almiro dos Reis Júnior, Ruy Vaz Gomide do Amaral e Kentaro Takaoka, e também de saudosa memória Álvaro

Guilherme Eugênio e Rubens Lisandro Nicoletti.

Prezados Senhoras e Senhores

Foi aos 10 de outubro de 1846, portanto há exatos 154 anos e 6

dias que pela primeira vez no mundo se efetuou, num Hospital de Boston, a primeira intervenção cirúrgica em paciente anestesiado pelo "éter sulfúrico", e poucos meses depois, em 25 de maio de 1847, José Roberto Haddock Lobo praticou, pela primeira vez no Brasil, a anestesia, empregando o éter sulfúrico, no Hospital Militar do Rio de Janeiro.

Haddock Lobo praticou pela primeira vez no Brasil a anestesia

Assim, nascia, ao mesmo tempo, no mundo e no Brasil, essa grande especialidade que é a anestesiologia.

Hoje, ao apagar das luzes do século XX, dealvar do XXI, ao olharmos para a história da Medicina, vemos nesta escada em espiral o extraordinário impulso que a cirurgia recebeu, deixando de ser essencialmente mutiladora, amputadora, para se tornar restauradora e conservadora, somente a partir do degrau do advento da anestesia.

E ao olharmos essa mesma espiral escada, só que agora para cima, rumo

ao infinito, enxergamos, lá no ponto mais alto, os guiões que sustentam todo o arcabouço da Medicina, e de modo especialíssimo, da Anestesiologia, consubstanciado no apotegma "opus divinus est sedare dolor".

Assim, entre os éteres e os clorofórmios dantanhos e os modernos hlogenados, os médicos anesthesiologistas praticaram e praticam o mais divino dos misteres da arte esculapiana.

Queiram, prezados colegas, receber os nossos sinceros cumprimentos neste Vosso Dia.

Discurso proferido por Guido Arturo Palomba durante homenagem ao Dia do Anesthesiologista, em 16 de outubro.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:
Guido Arturo Palomba
Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha
Conselho Cultural:
Duílio Crispim Farina (presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira
Cinemateca:
Wimer Botura Júnior
Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza
Museu da História da Medicina
Jorge Michalany

textos

Aquele Menino

PAULO BOMFIM

Eu sou aquele menino
 Que o tempo foi devorando,
 Travessura entardecida,
 Pés inquietos silenciando
 Na rotina dos sapatos,
 Mãos afagando lembranças,
 Olhos fitos no horizonte
 À espera de outras manhãs.
 - Ai paletós, ai gravatas,
 Ai cansadas cerimônias,
 Ai rituais de espera-morte!
 Quem me devolve o menino
 Sem estes passos solenes,
 Sem pensamentos grisalhos,
 Sem o sorriso cansado!
 Que varandas me convidam
 A ser criança de novo,
 Que mulheres, só meninas,
 Me tentam a cabular
 As aulas do dia a dia?
 Eu sou aquele menino
 Que cresceu por distração.

*Extraído do livro *Aquele Menino*, ed. Green Forest do Brasil, ano 2000

Cascalho

ALBERTO ADDE

Sou um pequeno cascalho, que aos mil, no solo se espalha.
 Sinto o desprezo do mundo; não sabem quem eu sou, o que eu sei.

Formado de átomos e de partículas mil,
 tenho no núcleo o registro do que nos milênios eu vi.

Vi o despertar do mundo, vi a terra brotar.

Ouvi do nenê-macaco, de dor, o primeiro gemido,
 vi do homem a evolução, vi na criatura gerada,
 pela mão de Deus, a alma criada.

Vi catástrofes destruírem vidas, vi civilizações nascerem.

Vi muitos mundos morrerem.

Vi homens destruindo povos, vi massas destruindo homens
 que lhes traziam mensagens de amor.

Um dia, livre da eterna imobilidade, desejo tudo mostrar,
 esperando que o homem, disso veja o sentido e

consiga descobrir o amor, consiga aprender a amar.

A ameixeira e os pardais

PAULO FRALETTI

(Com 4 a 5 florações de março a agosto).

Também tenho ameixeira no quintal,
 De muita ameixa. Não são temporãs,
 Aonde chegam todas as manhãs,
 O pardal macho e a fêmea do pardal.

O macho é bruno-pardo e algo maior,
 De manchas negras no peito e garganta,
 Branco nas asas. A fêmea é menor,
 Acastanhada inteira. Nenhum canta.

Se cantam não atraí o seu cantar...
 Mas nem pôr isso deixam de encantar,
 Mormente, agora, meses sem cigarra!

E chegam... vão chegando a todo instante,
 Em confusão com folhas, semelhante
 A cena de gurus em algarra.

Homenagem (*)

W.A.

APM generosa
 que além do chá bem quentinho
 nos dá uma tarde gostosa
 com muito amor e carinho

É a casa da Medicina
 que trata nossas doenças
 mas que também nos ensina
 vivermos feliz existência

E quem comanda estas festas?
 essas moças carinhosas
 tão naturais e modestas
 extremamente atenciosas

Quem pode sondar os abismos que
 existem nos corações?
 vamos propor romantismo
 recheá-los de emoções.

E neste convívio fraterno
 nosso mundo caminhando...
 os minutos são eternos.
 nossa vida vai passando...

*Nossa homenagem e gratidão à APM e ao seu Departamento Cultural, nas pessoas de: Angela, Fabina e Marcus

LANÇAMENTO DE LIVROS

Saúde Mental no Brasil - de Paulo Rennes Marçal Ribeiro, ed. Arte e Ciência, 1999, trata de vários temas históricos, começando pelo Período Colonial, abordando os primórdios da psiquiatria, da psicologia, o surgimento da psicanálise, e do serviço social, a enfermagem e a terapia ocupacional, aqui em nossa terra. Trabalho muito bom, o qual, em sua forma original, corresponde à tese de doutoramento do Autor, que é psicólogo. Merece ser lido. São 192 páginas.

Manual de Saúde Pública - de Bruno Soerensen e Kátia Brienza Badini Murulli, ed. Unimar, 494 páginas, é um trabalho de fôlego, no qual colaboram vários especialistas. O livro reúne textos relacionados à Saúde Pública, referentes à epidemiologia, bioestatística, saneamento ambiental, saúde mental, uso abusivo de drogas, zoonoses etc. Os colaboradores são de diferentes formações, como, por exemplo, enfermeiro, psicólogo, veterinário, médico.

Clínica Ortomolecular - de Efrain Olszewer, ed. Roca, 320 páginas, procura mostrar que medicina ortomolecular está baseada em princípios propedêuticos e terapêuticos aprendidos dentro da Medicina, que o Autor chama de convencional. O livro é dividido em onze partes nas quais procura mostrar que a profilaxia é tão importante quanto o tratamento, principalmente em doenças degenerativas crônicas.

Atlas Colorido de Endoscopia Ginecológica - de Alan Gordon, Victor Lewis, Alan De Cherney e colaboradores, ed. Revinter, excelente pelos textos, pelas fotografias, pela qualidade do papel, tem cerca de 500 ilustrações. Os autores são médicos americanos, canadenses, ingleses, franceses, belgas, suíços e espanhóis. Aborda tratamento para enfermidade, laparoscopia a laser, ablação endometrial a laser, concepção assistida etc.

Psicopatologia Fundamental - de Manoel Toste Berlinck, ed. Escuta, trata, como o próprio nome diz, da psicopatologia fundamental, a qual, para o Autor, é um campo de pesquisa e interlocução composto por múltiplas posições-arte, psicanálise, psicologia, psiquiatria, fisisofia - que se relacionam ao sofrimento humano na perspectiva psicoterapêutica. O autor aborda o pathos, sofrimento, a cujo prefixo se ligam as palavras paixão e passividade. A parte histórica é bem interessante.